

Uma análise crítica sobre “Vida de Empreguete” e a inserção da mulher no mercado de trabalho¹

A critical analysis about “Vida de Empreguete” and the insertion of woman in the labor market

Filipe Lins Santos²

Resumo:

O objetivo do trabalho é analisar a inserção da mulher no mercado de trabalho e entender como isso se relaciona com as estruturas simbólicas da sociedade acerca do sexo feminino e suas consequências. Isso é relevante em face da tripla jornada de trabalho, níveis de stress e problemas de saúde que o sexo feminino passa a vivenciar em decorrência dessa conquista jurídica, logo se percebe a necessidade de políticas públicas que permitam as mulheres exerçam seus direitos sem prejudicar a sua saúde e viabilizem sua inserção e reconhecimento social. Assim para essa análise se utilizará da música Vida de Empreguete, para demonstrar que a conquistas sociais podem representar uma inversão social e não um reconhecimento, logo galgar posições não significa mudança de identidades sobre o sujeito. Para isso se recorrerá a vertente jurídico-sociológica, mediante levantamento bibliográfico e estatístico sobre a relação empregatícia da mulher e se terá como marco teórico o simbolismo de Pierre de Bourdieu para demonstrar as relações simbólicas e consequentemente o preconceito implícito ainda no mercado de trabalho feminino.

Palavra-chave: Direitos da mulher, identidade de gênero, feminismo e preconceito

Abstract:

The objective is to analyze the integration of women into the labor market and understand how it relates to the symbolic structures of society about women and their consequences. This is relevant in the face of triple workload, stress levels and health problems that the female starts to

¹ Artigo recebido em 22/03/2013 e aceito em 26/06/2013.

² Graduando em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba. Email: filipelins2000@yahoo.com.br

experience as a result of this achievement legal, one soon realizes the need for public policies that enable women to exercise their rights without undermining their health and make possible their integration and social recognition. So for this analysis is the use of music *Vida de Empreguete*, to show that the social achievements may represent a reversal and not a social recognition, not just climb positions, changing identities on the subject. For it will resort to legal and sociological aspects, through literature and statistics on the employment relationship and the woman will be the theoretical framework of Pierre Bourdieu's symbolism to demonstrate the symbolic relations and consequently the implicit prejudice still in the female labor market.

Keyword: Women's rights, gender identity, feminism and prejudice

Introdução

O discurso e o simbolismo servem de mecanismos da sociedade para a construção de uma domesticação e propagação dos valores e estruturas enunciativas refletidoras de um poder de vinculação.

A música “Vida de Empreguetes” revela uma busca por inversão ou ascensão social como meio de melhorar as condições de vida e são reflexos de uma pseudo alteração das relações hierárquicas, pois as limitações discursivas e simbólicas permanecem implícitas.

Essa conjuntura está presente na inserção da mulher no mercado de trabalho, pois mesmo com diversas conquistas a mulher ainda está mergulhada num conjunto de mecanismos simbólicos e do falar que atuam diretamente na maneira como ela é vista dentro desse mercado. Logo, os preconceitos existem e permanecem de forma tácita, sendo percebidos esses problemas na tripla jornada de trabalho, níveis altos de stress, problemas de saúde que as mulheres passam a vivenciar em consequência do stress como fruto das pressões sociais e ausência de ações de políticas públicas de proteção e apoio a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

Assim o objetivo do presente estudo é refletir o simbolismo e o discurso existente na relação de trabalho em que a mulher está inserida e que compromete uma efetividade de seus direitos.

Portanto, isso serve de reflexão para a necessidade de se investir em políticas públicas para a esfera privada que tenham a intenção de proporcionar maior isonomia de gênero, a fim de

sanar essas problemáticas que não são solucionadas com a utopia do alcance do âmbito privado ou inversão das posições sociais.

Os símbolos, marcas e discurso social

A sociedade é um complexo de relações que são regidas e organizadas com base no discurso falado e construído para apresentar os valores e princípios sociais, assim o falar transmite na verdade um conjunto de normatizações compositoras do dia a dia das pessoas.

Com base nisso convém apresentar a definição do espaço social feita por Bourdieu em que ele entende esse lócus como um espaço multidimensional, pois há um complexo de relações pautadas no discurso e na interação dos indivíduos em seus grupos sociais, portanto criam estruturas de dominação.

[...] Na realidade, o espaço social é um espaço multidimensional, conjunto aberto de campos relativamente autônomos, quer dizer, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações, de modo mais ou menos firme e mais ou menos directo ao campo de produção económica; no interior de cada um dos subespaços, os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes das posições dominadas estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas (sem por isso se constituírem necessariamente em grupos antagonistas). (BOURDIEU 2010, p. 153)

Esse conceito de Bourdieu reflete uma composição planejada de posições sociais, porque nela os grupos transmitem seu posicionamento e vinculam os indivíduos a comportamentos predeterminados criando por sua vez zonas de influência, assim infere-se que esses grupos podem ou não ser antagônicos, porém haverá um processo de hierarquização.

Dessa maneira, convém perceber que a língua exerce uma força de vinculação nos indivíduos, já que o falar não é isento do jogo de relações sociais, conforme se depreende da definição de Bordieu para o discurso, pois ele entende que esse último é formado por um habitus linguísticos e mercado linguístico.

O habitus linguístico pode ser compreendido como um “produto das condições sociais e pelo fato de não ser uma simples produção de discursos, mas uma produção de discursos ajustados à uma ‘situação’, ou de preferência, ajustados a um mercado ou a um campo”. (BOURDIEU, 1978, p. 01)

Assim entendendo-se que o falar está adaptado a uma situação ou preferência e ajustados a um mercado ou campo, convém inferir-se que nenhuma relação social surge sem pre-

composição e disposição dos indivíduos no seu meio, visto que esse processo de interligação do ser com o discurso social viabiliza o enquadramento do sujeito nas classificações, hierarquizações e diferenças comunitária, logo o enunciado exerce papel fundamental na estruturação e identificação pela força que os mesmos exercem na pessoa.

O enunciado não é, pois, uma estrutura {...} é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir de qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). (FOUCAULT 2008, p. 74 e 98)

A consequência disso é a criação de um sistema de violência simbólica que reforça as relações de força, porque “os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* aceca do sentido do mundo social [...]”, portanto na visão de Bourdieu os símbolos contribuem para a reprodução da ordem social. (BOURDIEU, 2010, p. 10)

Isso ocorre pelo fato dos símbolos serem expressos no discurso que exterioriza um rol de conflitos comunitários formados e fortalecem o poder de dominação sobre a classe.

Esse entendimento permite a compreensão daquilo que Bourdieu chama de mercado linguístico, que é um dos componentes do discurso, pois para ele tem uma “situação social, mais ou menos oficial e ritualizada, um certo conjunto de interlocutores, situados abaixo ou acima na hierarquia social, ou seja, um série de propriedades percebidas e apreciadas de maneira infra-consciente”. (BOURDIEU, 1978, p. 03).

Nessa conjectura o discurso pautado na existência desse conflito viabiliza a existência de um capital linguístico entendido como um poder de vinculação apresentado no falar que cria um processo de interação com o falante e ouvintes, mediante um incorporação e projeção do falar, logo o capital linguístico é a capacidade de “fazer funcionar em seu proveito as leis de formação dos preços, e de retirar a mais valia-específica [...] todas as interações linguísticas são espécies de micro-mercados, sempre dominados por estruturas globais”. (BOURDIEU, 1978, p. 04)

Assim, a construção discursiva como produto de um enunciado transmite formas variadas de poder, logo se compreende que essas variações são especializações do poder e podem ser denominadas como poder objetivo e subjetivo.

Uma de suas especializações é o subjetivo que cria no imaginário da comunidade uma vinculação de elementos abstratos criadores do Eu Social apresentado como

um padrão ao indivíduo de seus comportamentos, quando ele é incorporado na sociedade atinge-se o nível de Espírito Social e tornando-se transmissível discursivamente para fins de vinculação de um grupo. O poder objetivo forma um agir inquisidor, perante o ato indesejável, isto é, diante de algo socialmente reprovável ele permitirá ao agente uma legitimidade para punir o indivíduo por diversas formas. Essa solidificação ocorre, quando esse poder objetivo cria o Espírito Disciplinador. A diferença desse para a sanção encontra-se principalmente nos seus níveis de atuação, uma vez que o primeiro atua numa legitimidade psíquica no ser inquisidor, enquanto no segundo há o exercício próprio da punição de acordo com normas vigentes na sociedade. (SANTOS, 2012, p. 2)

Com base nessa realidade convém estudar como essas interações do poder com os seus espíritos respectivos compõem o falar predominante e recriam essas relações que vinculam os seres e os fazem existir dentro de construções subjetivas e simbólicas na sociedade.

Esse olhar macro dentro do processo de composição e interligação do indivíduo com os discursos formados ainda permitem outro tipo de abordagem, isto é, a micro discursividade oriunda das interações grupais existentes na esfera social e que na verdade transmitem um conjunto de seleções naturais do falar predominante.

Com base nisso convém analisar como esses pontos existem na prática, pois esses contextos possuem um valor simbólico em si e não existem sem propósitos organicamente elaborados pelo falar predominante, assim o estudo sobre o mundo dos símbolos deve repassar por uma sistematização de normas que vão além do simples olhar para a espiritualidade do discurso.

Pode-se dessa maneira construir a concepção de duas posições criadas e organizadas na sociedade, a saber: o espírito simbólico e o capitalismo simbólico.

Essas duas criações sociais, psicológicas e racionalmente edificadas demonstram uma disposição dos símbolos bem planejada e sistematizada, de acordo com os padrões discursivos editados. Portanto, percebe-se que se estará diante de um espírito simbólico, quando se analisar o agrupamento orgânico, semântico, marcário e capitalista organizado pela sociedade.

O aspecto semântico surge da constituição do enunciado que compõem o sentido e significado do conjunto simbólico aferido pelo social, já o aspecto marcário revela uma forte constituição dos símbolos dentro do imaginário subjetivo da sociedade, pois ele está intimamente ligado com a luta das marcas sociais impregnada pelas posições micro discursivas criadas pelos grupos que se rivalizam em relações de empoderamento simbólica na expressão do falar grupal contra o predominante, contudo sua posição de postos no conflito cria-se através de interações de

cooperação enunciativas que revelam direta predisposição dos bens simbólicos utilizados dentro dos prévios padrões sociais e mercadológicos.

Com base nisso convém entender-se dois pontos importantes enfatizados por Bourdieu, a saber: bens simbólicos e mercado linguístico. O bem simbólico “são espontaneamente alocados, pelas dicotomias comuns [...] no pólo espiritual e, assim, frequentemente considerados como fora do alcance de uma análise científica”. (BOURDIEU, 1994, p. 157).

Nesse sentido o mercado linguístico como expresso no início possui um conjunto de interlocutores que estão postos em hierarquizações que foram possíveis por causa da submissão dos locutores a mesma lei de formação dos preços das produções linguísticas, logo o mercado se exerce mediante uma forma lógica de dominação.

Para que os efeitos do capital e da dominação linguística se exerçam, é preciso que o mercado linguístico seja relativamente unificado, isto é, que o conjunto dos locutores seja submetido à mesma lei de formação dos preços das produções linguísticas {...} É isto o que significa unificação do mercado ou relações de dominação linguística: no mercado linguístico se exercem formas de dominação que têm uma lógica específica e, como em todo mercado de bens simbólicos, há formas de dominação específicas que não são absolutamente redutíveis à dominação estritamente econômica, nem em seu modo de exercício nem nos lucros que elas obtêm. (BOURDIEU, 1978, p.7)

Portanto preço simbólico seria a “característica própria da economia das trocas econômicas, por ocasião à economia de bens simbólicos, funciona como uma expressão simbólica do consenso sobre a taxa de troca envolvida em toda troca econômica.” (BOURDIEU, 1994, p. 162)

Nesse contexto convém entender-se que o espírito simbólico pode ser a expressão máxima de toda essa conjuntura apresentada por Bourdieu, pois o mesmo absorveria esses processos de construção e projeção dos caracteres de hierarquização e subordinação dos indivíduos em prol da conservação e manutenção do status social.

O aspecto capitalista está forjado no fomento da bolsa de valores simbólico, sendo ela herança das relações de lutas discursivas instauradas nos conflitos dos discursos quando das lutas do enunciado do falar. Essas relações revelam um complexo de lutas de falar que interage com estruturas linguísticas de outras esferas, revelando grau de flexibilidade do capital e poder de vinculação a imagem predisposta.

Um dos efeitos da violência simbólica é a transfiguração das relações de dominação e de submissão em relações afetivas, a transformação do poder em carisma ou em encanto adequado a suscitar um encantamento afetivo {...} A alquimia simbólica, tal como acabo de descrevê-la, produz, em proveito daquele que cumpre com esses atos de eufemismo, de transfiguração, de conformação, um capital de reconhecimento que lhe permite ter efeitos simbólicos. É o que chamo de capital simbólico {...} O capital simbólico é uma propriedade qualquer-

força física, riqueza, valor guerreiro – que, percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção e de avaliação que lhes permitem percebê-la, conhece-la e reconhece-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma *força mágica*: uma propriedade que, por responder às “expectativas coletivas”, socialmente constituídas, em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distância, sem contato físico. (BOURDIEU, 1994, p. 170)

Com base no exposto é importante fazer uma distinção feita por Bourdieu que é a diferença entre capital linguístico e simbólico, pois o primeiro é a força de fazer funcionar as leis de formação dos preços a favor do locutor e o segundo é um reconhecimento que lhe permite ter efeitos simbólicos, logo enquanto o primeiro pauta-se fortemente numa relação econômica do falar o segundo fundamenta-se na existência anterior de uma alquimia simbólico que é definida como a transformação das relações de dominação e submissão em relações afetivas, isto é, transformar o poder em carisma ou encanto que provoque um encantamento afetivo com o discurso do dominador.

Portanto a partir dessa alquimia o dominador acaba por ter para si um capital de reconhecimento que produz efeito no mundo dos símbolos, sendo esse efeito apoiado numa violência simbólica que tem como fulcro “produzir agentes dotados de esquemas de percepção e de avaliação que lhes farão perceber as injunções inscritas em uma situação, ou em um discurso, e obedecê-las”. (BOURDIEU, 1994, p. 171).

Logo esse efeito é uma capacidade de envolver discursivamente o dominado dentro de um processo de subjugação de maneira que o inferiorizado deseje ser submetido a isso sem questionamento pelo simples fato de entender que isso deve fazer parte da natureza da relação social.

Outro aspecto importante que destaca o capitalismo é o envolvimento da bolsa de valores simbólicas com o mercado dos símbolos, pois sua interligação é pautada com a expressão da zona simbólica constituída com a interação discursiva dos mundos reais e virtuais.

Esses dois mundos se referem a momentos de dimensão e influência dos símbolos, pois o aspecto virtual contemplaria toda essas etapas ou momentos de propagação e organização dos símbolos, já o real é a propositura prática do discurso que foi elaborado na esfera virtual.

Esse processo interacional de dois mundos revelam processos de lutas existentes em cada esfera do globo, pois são lutas simbólicas e discursivas criadas nas esferas subjetivas para predisposição da identidade e processo formador de cada subjetividade e espírito grupal, já no contexto da realidade revela-se um processo de luta existente com os jogos de poder simbólico

que são criados para manutenção do discurso predominante que serve de guardião dos valores criados.

Tomando-se como base essas reflexões convém analisar-se a definição de Bourdieu para as lutas simbólicas, pois para ele esse fenômeno é um “aspecto das incessantes lutas em que as diferentes frações da classe dominante enfrentam-se pela imposição da definição de pretextos e de armas legítimas das lutas sociais”. (BOURDIEU, 2007, p. 237).

{...} As lutas, cujo pretexto consiste em tudo o que, no mundo social, se refere à crença, ao crédito e ao descrédito, à percepção e à apreciação, ao conhecimento e ao reconhecimento {...} em tudo o que torna o poder simbólico em poder reconhecido, dizem respeito forçosamente aos detentores “distintos” e aos pretendentes “pretensiosos” {...} (BOURDIEU, 2007, p. 234 e 235)

Com base nisso Bourdieu define o poder simbólico como “um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o crê [...]. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe.” (BOURDIEU, 2010, p. 188).

Infere-se disso que o poder simbólico permeia todas essas fases de relações das lutas simbólicas e demais confrontos pelo poder, mediante o discurso, portanto todo o exposto até o momento se interliga pela existência dessa construção continuada da identidade do indivíduo e sua introdução no meio social.

Diante dos referidos processos de lutas convém aprofundar a análise partir para um aprofundamento da temática, assim deve-se nomeá-las com de acordo com suas áreas de combate, conforme se faz abaixo:

- | | | |
|--|---|--------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> • Mundo virtual: lutas pré-marcárias • Mundo real: lutas dos grupos | } | Lutas do enunciado |
|--|---|--------------------|

Esses processos de lutas revelam ainda a existências de outras lutas posteriores que expressam um grau de competitividade abstraído dos processos de lutas políticas, jurídicas e sociais das interações simbólicas e marcárias.

Assim, as lutas do enunciado preparam a ocorrência da guerra simbólica, na qual se constitui da rivalidade das marcas sociais antes forjadas nas lutas pré-marcárias. É nesse complexo bélico que existe a presença eminente da magia simbólica edificada como processo psíquico, linguístico, subjetivo e jurídico de proporcionar a competitividade e a aceitação, pois o feitiço simbólico eleva os atores a status de aceitável ou não simbolicamente falando.

A fim de compreender a extensão do exposto é importante trazer a definição de Bourdieu para a magia social que consiste “em tentar trazer à existência a coisa nomeada” que resulta

segundo ele no “poder que ela se arroga por uma usurpação provisória ou definitiva, o de impor uma nossa visão a uma nova divisão do mundo social”, assim para essa nova imposição ocorrer é preciso que aquele que a faça seja capaz de fazer reconhecer na sua palavra o poder de usurpação. (BOURDIEU, 2010, p. 116).

Dessa maneira é no aspecto das relações simbólicas que se está diante dos jogadores simbólicos, que são atores no mundo real que antes organizaram seus símbolos e discursos perpassando por todas as fases da evolução espiritual e seleção natural do falar, assim ingressam dentro do mundo dos jogos para ganhar espaço de pontuar como forma de sobrevivência discursiva de sua identidade expressa em sua marca.

Assim, a luta marcária está diretamente ligada ao jogo simbólico, pois ela faz parte de seu complexo, dessa forma esse jogo pode ser resumido no combate das marcas para sua predominância dentro do complexo mundo linguístico, social, jurídico e político dos símbolos.

Nesse complexo de combates se observa novas posições, isto é, o jogo simbólico e a luta marcária, pois tais qualidades representam exteriorizações psíquicas da organização mecânica, dinâmica e racional de todo o processo social de permanência de suas bases e polos.

Essa realidade pode ser bem sentida também no pensamento de Bourdieu ao expor que a revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos da intimidação tem como objetivo a “reapropriação colectiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante [...] para se fazer reconhecer.” (BOURDIEU, 2010, p.125)

Essas qualidades não refletem um engessamento político estratégico da sociedade, uma vez que para sua manutenção tal engessamento seria prejudicial, porque é preciso uma maleabilidade das pontuações dentro desse jogo simbólico, já que sem tal ocorrência se estaria diante de uma crise filosófica do grupo predominante, logo favorecendo a sua extinção, uma vez que há o reconhecimento de que o campo social é um local de lutas formadas nos símbolos, logo um espaço de pressão.

A luta por reconhecimento deveria então ser vista como uma pressão, sob a qual permanentemente novas condições para a participação na formação pública da vontade vêm à tona {...} Portanto, quanto mais forte for a influência da luta por reconhecimento de um determinado grupo, ou quanto maior for o número de exigências sociais em função de uma mudança específica, mais haverá de surgir, por consequência, uma espécie de horizonte de interpretação subcultura que explicará a relação motivacional entre sentimento individual de injustiça e luta coletiva por reconhecimento. (SAAVEDRA; SOBOTTJA, 2008, p. 12 e 16)

Isso é reforçado em três pontos importantes de análise de Bourdieu, assim para esse autor o espaço social e as diferenças nele existente funcionam “simbolicamente como espaços dos estilos de vida [...] ou de grupos caracterizados por estilos de vida diferentes”, além disso, as “categorias de percepção do mundo social são, no essencial, produto da incorporação das estruturas objectivas do espaço social”, pois isso faz que os “agentes a tomarem o mundo tal como ele é, a aceitarem-no como natural, mais do que a rebelarem-se contra ele”. (BOURDIEU, 2010, p. 141 e 144).

Dessa forma esses pontos sintetizam-se em entender que o espaço social apresenta-se como um estilo de vida produzido pela incorporação das estruturas objetivas desse espaço e como consequência pretende-se fazer que o agente o aceite como ele é, logo de maneira naturalmente constituído. Portanto na luta contra a construção simbólica previamente elaborada tem-se uma forma de pressão contra os símbolos constituídos e para que ocorra a conservação da estrutura já formada é importante a organização das estratégias de dominação.

Portanto para se manter no poder e possibilitar sua hegemonia é necessário a conversa com os jogadores menos pontuados dentro de sua marca, para isso é preciso revelar os processos de aceitabilidade de identidades de sua hegemonia, a fim de propiciar uma maior participação daqueles que não compõem suas bases de empoderamento, portanto isso se dá no momento em que o grupo predominante permite o dialogo com seus jogadores menos pontuados.

Assim esse comportamento dos grupos hegemônicos não são pautados em atos de misericórdia ou disposição a negociar as bases da dominação, mas é o reconhecimento do conflito e necessidade de manutenção das diferenças sem a rejeição das bases simbólicas, logo para isso é necessário um ganho de direitos e posições das partes inferiorizadas sem viabilizar a autonomia ou ascensão social, portanto permite-se a inversão sem reconhecimento social.

Isso é possível através do poder exercido pelo discurso hegemônico, pois como o mesmo se desencadeia numa rede previamente elaborada nos jogos simbólicas não há a perda dos objetivos principais do falar predominante.

O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles {...} O indivíduo é um efeito do poder e é, ao mesmo tempo, na mesma medida em que é um efeito seu, seu intermediário: o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 1999, p. 35)

Infere-se desses momentos a predisposição da instalação de pontes de equilíbrio fortalecidas na cooperação simbólica dentro do jogo, em que um grupo para conseguir ganhar melhores condições no complexo bélico busca apresentar proposições aceitáveis para o macro discurso formador do falar predominante. Isso reflete uma estratégia de aceitação, a fim de conseguir maiores condições de dialogar.

Essa aceitação demonstra o propósito do discurso de viabilizar o indiferente de acordo com os padrões previamente separados para poderem ser violados, logo nem tudo pode ser aceito pelo falar predominante, por isso à necessidade de mitigar o dito e aceitável.

Uma vez que Bourdieu revela bem em suas análises que “toda situação linguística funciona como um mercado onde se trocam coisas” e essa troca ocorre pelo fato de que a comunicação não é uma simples relação comunicativa *stritu sensu*, mas uma relação econômica “onde o valor de quem fala está em jogo”. (BOURDIEU, 1978, p. 04)

O simbolismo nas relações de trabalho feminino

Diante aquilo que já foi discutido convém estudar a música “Vida de Empreguetes” e entender as relações de poder em que o gênero encontra-se discursivamente organizado e simbolizado, através de estruturas mecânicas da sociedade.

Todo dia acordo cedo, Moro longe do emprego, Quando volto do serviço quero o meu sofá/Tá sempre cheia a condução, Eu passo pano, encero chão, A outra vê defeito até onde não há/ Queria ver madame aqui no meu lugar, Eu ia rir de me acabar, Só vendo a patroinha aqui no meu lugar, Botando a roupa pra quarar/ Minha colega quis botar, Aplique no cabelo dela, Gastou um extra que era da parcela/ As filhas da patroa, A nojenta e a entojada, Só sabem explorar, não valem nada/ Queria ver madame aqui no meu lugar, Eu ia rir de me acabar, Só vendo a cantora aqui no meu lugar, Tirando a mesa do jantar/ Levo vida de empregue, eu pego às sete, Fim de semana é salto alto e ver no que vai dar, Um dia compro apartamento e viro socialite, Toda boa, vou com meu ficante viajar/ Levo vida de empregue, eu pego às sete, Fim de semana é salto alto e ver no que vai dar, Um dia compro apartamento e viro socialite, Toda boa, vou com meu ficante viajar/ Todo dia acordo cedo, Moro longe do emprego, Quando volto do serviço quero o meu sofá/ Tá sempre cheia a condução, Eu passo pano, encero chão, A outra vê defeito até onde não há/ Queria ver madame aqui no meu lugar, Eu ia rir de me acabar, Queria ver madame aqui no meu lugar, Eu ia rir de me acabar/ Levo vida de empregue, eu pego às sete, Fim de semana é salto alto e ver no que vai dar, Um dia compro apartamento e viro socialite, Toda boa, vou com meu ficante viajar/ Levo vida de empregue, eu pego às sete, Fim de semana é salto alto e ver

no que vai dar, Um dia compro apartamento e viro socialite, Toda boa, vou com meu ficante viajar

Essa música conta a história de três empregadas domésticas que não são valorizadas por suas patroas e por causa disso fazem uma inversão de papéis em que a superiora delas assume os seus papéis de doméstica e elas a da patroa.

Nessa linha de modificações de papéis ocorre o desafio, às patroas demonstrando o quanto elas dependem das empregadas delas e revelando que sem elas a estrutura doméstica seria um caos.

Contudo, o que a música realiza de destaque não se limita a uma simples modificação de papel, mas sim, uma significação dentro do mundo discursivo e simbólico da divisão sexual do trabalho e de relações de poder sociais, pois ao estabelecer essa inversão não se altera o ser doméstico que continua sendo um caos, já que há uma fuga do âmbito doméstico para o status de madame como forma de humilhar a antiga patroa.

Percebe-se ainda uma esfera simbólica, em que repercute as hierarquias sociais, pois a valorização e melhores condições sociais estão necessariamente atreladas a uma nova posição social superior, assim se infere que a relação empregatícia doméstica é na verdade um labor necessário e de pouco valor, pois as empregadas são valorizadas no momento que fogem da situação de emprego doméstico e tornam-se *socialite*.

Essa relação de conflito revela na verdade uma construção de gênero e classe, porque durante a música não se apresenta a figura masculina, mas a discussão gira em torno apenas do sexo feminino que é ou não valorizado dentro das posições hierárquicas no lar.

Sobre um contexto de classe essa realidade serve de parâmetro para compreender a inserção da mulher no mercado de trabalho, já que na música a necessidade de uma saída para melhorar sua situação empregatícia encontra-se atrelada a uma nova face de classe sem alterar o contexto de gênero, isso revela um constante processo ocorrendo dentro do labor feminino, uma vez que dados do IBGE e PNAD, através do Anuário das Mulheres Brasileiras de 2011 revelam que (tabelas ao final do artigo):

- As mulheres encontram maior participação no setor de serviço e não na construção, logo ganham destaque em serviços como serviços coletivos, sociais e pessoais, educação, saúde, serviços sociais e serviços domésticos. (Tabela 1)
- O sexo feminino está menos inserido na categoria de empregadores e como trabalhador autônomo. (Tabela 2)

- Numa comparação de participação em microempresas e demais empresas percebe-se que as mulheres inserem-se mais em microempresas, contudo o setor de atividade é de serviços e não de comércio (Gráfico 1)
- Num paralelo entre homens negros e mulheres negras a ocorrência de assumir um emprego com carteira assinada é maior para os homens do que nas mulheres. Já se tratando de homens não negros e mulheres não negras o mesmo fato se repete. (Gráfico 2)
- Percebe-se que a incidência maior de mulheres com carteira assinada e ensino superior completo é como profissionais das ciências e das artes, uma vez que os locais de trabalho em que a mulher mais labora com carteira de trabalho e sem instrução de ensino é como trabalhador de serviços, vendedores do comércio, trabalhadores agropecuários, florestais e de pesca, trabalhadores da produção de bens e serviços industriais. (Tabela 4)

Esses dados permitem refletir a existência de um mercado de trabalho que representa a composição de gênero e os limites dos sexos dentro dessa esfera, pois ainda que elas tenham obtido direitos e conquistas políticas a discriminação permanece, porque está atrelada a uma estrutura simbólica e discursiva que busca permitir uma dominação simbólica, já que esse modelo de ingresso da mulher no mundo do labor aceita a presença da mulher e busca, através de algumas medidas proporcionar condições aparentes de igualdade sexual.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. (BOURDIEU, 2002, p. 11)

Essa realidade revela como a sociedade, embora aceite o trabalho feminino, ainda preserva estruturas de gênero que são pautadas na discriminação desse sexo, dessa forma é possível a mulher sair do lar desde que não deixe de cumprir suas funções sexuais.

Engels argumenta que “o primeiro tipo de opressão de classe” foi a opressão do sexo feminino feita pelos homens, e acrescenta que “dentro da família, o marido é o burguês e a esposa representa o proletariado”. Entretanto, ele também diz que na família monogâmica a esposa se tornou “a principal criada”, e que a

"família individual moderna está fundada na escravidão doméstica aberta ou dissimulada da esposa". A famosa observação de Engels sobre a opressão das esposas utiliza, portanto, os três termos de comparação feministas: a criada principal, o escravo e o trabalhador. (PATEMAN, 1993, p. 199)

Tais características podem ser observadas, quando se analisa a tripla jornada de trabalho da mulher, a presença feminina na gerência de empresas e a necessidade da masculinização do comportamento feminino como forma de manutenção do poder dentro da empresa.

Nesse contexto, a tripla jornada do labor feminino caracterizado como o gasto com os preparos do lar e administração de seu trabalho leva as mulheres a ocuparem seu tempo com mais atividades dentro do âmbito doméstico que o homem e, conseqüentemente, afeta a saúde dessas pessoas, conforme pesquisa da OIT.

Os números, relativos ao ano de 2009, mostram que as mulheres têm uma jornada de cerca de cinco horas a mais por semana do que os homens. A OIT informou que os homens trabalham, em média, 43,4 horas por semana no mercado de trabalho e outras 9,5 horas em casa, perfazendo uma jornada semanal de 52,9 horas. Ao mesmo tempo, as mulheres têm uma jornada total de 58 horas semanais, sendo 36 horas no mercado formal de trabalho e 22 horas em casa. "Entre o conjunto das mulheres brasileiras inseridas no mercado de trabalho, uma expressiva proporção de 90,7% também realizava afazeres domésticos, enquanto que entre os homens tal proporção era significativamente inferior: 49,7%. Essas trabalhadoras, além da sua jornada semanal de 36 horas, em média, no mercado de trabalho, dedicavam cerca de 22 horas semanais aos afazeres domésticos, ao passo em que entre os homens tal dedicação era de 9,5 horas semanais, ou seja, 12,5 horas a menos", informou a OIT no levantamento. A OIT concluiu, no estudo, que a "massiva incorporação" das mulheres no mercado de trabalho não vem sendo acompanhada de um "satisfatório processo" de redefinição das relações de gênero com relação à divisão sexual do trabalho, tanto no âmbito da vida privada, quanto no processo de formulação de políticas públicas e de ações por parte de empresas e sindicatos, especialmente no concernente às responsabilidades domésticas e familiares. (MARTELO, 2012)

No que se refere a gerencia de empresas, percebe-se que a quantidade de mulheres que são gerentes é menor que a quantidade de homens na gerência, isso é reforçado pela própria identidade atribuída ao cargo, uma vez que muitas pessoas do sexo feminino nesses cargos precisam agir semelhantemente ao comportamento viril para obter espaço no âmbito privado, sendo isso verificado no que a literatura chama de teto de vidro.

Outro aspecto a ser observado dentro das empresas é o fenômeno do "teto de vidro". Segundo Miranda (2006), o "teto de vidro" é uma barreira sutil e transparente, forte o suficiente para evitar a passagem das mulheres aos níveis hierárquicos mais elevados nas organizações onde trabalham. Como exemplo, na pesquisa das Melhores Empresas para Você Trabalhar, grupo de

empresas escolhidas para este estudo, é possível verificar o reduzido percentual de mulheres nos cargos de liderança. Entre os cargos de presidência, vê-se que apenas 4% deles são ocupados por mulheres e, nos demais cargos de liderança das empresas (diretores, gerentes e supervisores), 36% são ocupados por mulheres. Essa informação sugere que há no Brasil um “teto de vidro” que dificulta o crescimento da carreira executiva feminina. Meyerson and Fletcher (2002) afirmam que o preconceito quanto à presença das mulheres no mercado de trabalho também cria essa barreira, que raramente é ultrapassada. (PIRES; LUCAS; ANDRADE; AMORIM; FISCHER, 2010, p. 83)

A esfera da administração de empresas tem criado e traçado o perfil administrativo da mulher na gerência, assim percebe caracteres eminentemente construídos como elementos identitários do sexo feminino refletindo na administração empresarial.

Para Lodi (1999) as mulheres executivas apresentam características peculiares nas organizações de aprendizagem. Ao mesmo tempo que preparam e organizam o ambiente familiar, são responsáveis e conseguem conduzir atividades empresariais. Também são flexíveis para adaptar seu comportamento a diferentes situações; são humildes para aceitar situações de desmotivação por período prolongado; apresentam maior estabilidade emocional, apoiada em maturidade psicológica em que são pouco perceptíveis as disritmias; são objetivas e persistentes; demonstram paciência, disposição para começar de baixo, aprender com a modéstia, suportar condições impróprias, bem como maturidade para tarefas de *housekeeping*, ou seja, administrar serviços sob condições específicas de desempenho e em ambientes estáveis. As mulheres tendem a adotar um estilo de liderança mais democrático, ao passo que os homens se sentem mais à vontade com um estilo diretivo. (GRZYBOVSKI; BOSCARIN; MIGOTT, 2002, p.5 e 6)

Essas citações são, porque é dentro do setor privado que há mais mulheres trabalhando, conforme percebe-se na tabela abaixo do Anuário das Mulheres Brasileiras de 2011, contudo o que se chama a atenção é que nesse locus se verifica diversas violações como mostrados nas literaturas acima.

A consequência disso é a necessidade de se repensar as estruturas sociais, com o fim de permitir uma maior inclusão social e viabilizar a democracia nas relações de trabalho.

Conclusão

Observa-se que a sociedade é pautada em relações de discurso e de poder viabilizadoras da organização de um mundo simbólico e organizador das dinâmicas de gênero, classe e raça, assim convém entender as diferenças sexuais como fundamentadas nessas mesmas discussões.

Isso pode ser percebido na análise da música “Vida de Empreguetes” que apresenta a história de vida de três empregadas domésticas que sofriam desprestígio em seu labor, mas

encontra na inversão de classe sem modificar sua situação identitária de empregada uma forma de mudar seu status social.

Essa discussão acerca da viabilidade da inversão reporta à mecanicidade das relações trabalhistas que também são fruto do discurso e simbolismo na sociedade, logo a inserção da mulher no trabalho, embora na ocorrência de grandes conquistas jurídicas e políticas, ainda está impregnada do simbolismo e discurso de gênero, pois essas vitórias são limitadas e pensadas de forma lógica para viabilizar o ingresso sem alterar-se as relações sexuais entre os indivíduos.

Portanto, isso permite inferir a necessidade de se pensar políticas públicas para a esfera privada com o fim de democratizar os direitos femininos e propiciar uma igualdade sexual, uma vez que o âmbito privado empresarial tem sido um local de constatação de violação dos direitos humanos das mulheres, pois persistem nesse meio as relações simbólicas e discursivas relativas ao gênero e que privam esse sexo de maiores conquistas trabalhistas.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- _____, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____, Pierre. O que falar quer dizer. In: Congresso da AFEF (Associação Francesa dos Docentes de Francês), 1977, Limoges, **Palestra**, Limoges: Le français aujourd'hui, 1978. p.1 -15.
- _____, Pierre. O mercado linguístico. In: Conferência na Universidade de Genebra, 1978, Genebra, **Palestra**, Genebra:, 1978. p. 1-15.
- _____, Pierre. A economia dos bens simbólicos. In: Faculdade de Antropologia e Sociologia da Universidade Lumière-Lyon II, 1994, , **Curso**, : 1994. p. 157 – 197.
- EMPREGUETES. **Vida de Empreguetes**. Disponível em:< <http://letras.mus.br/empreguetes/vida-de-empreguete/>>. Acesso em: 13/10/2012.
- FOUCAULT, Michel. **Arquivologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____, Michel. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins fontes, 1999.

Grzybowski, Denize; Boscarin, Roberta; Migott, Ana Maria Bellani. Estilo feminino de gestão em empresas familiares gaúchas. **Revista Administração Contemporânea**, Curitiba, n. 2, p. 1 – 20, maio – agost. 2002.

Martello, Alexandro. **Contando jornada doméstica, mulher trabalha mais do que homem, diz OIT**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2012/07/contando-jornada-domestica-mulher-trabalha-mais-do-que-homem-diz-oit.html>>. Acesso em: 13/10/2012.

PATEMAN, Caroline. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

PIRES, Fernanda Mendes; LUCAS, Angela Christina; ANDRADE, Sandra Mara de Andrade; AMORIM, Wilson Aparecido Costa de; FISCHER, André Luiz Fischer. Gênero e as Práticas de Gestão nas Melhores Empresas para se Trabalhar no Brasil. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, São Paulo, n. 1, p.81-94, 2010.

SAAVEDRA, Giovani Agostini; SOBOTKA, Emil Albert. Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth. **Civitas**, Porto alegre, n. 1, p. 9-18, jan-abr. 2008.

SANTOS, Filipe Lins dos. Avanço ou retrocesso social: uma análise cultural sobre a inserção da mulher na música funk. In: VI Congresso Internacional de estudos sobre diversidade sexual e de gênero da ABEH, 2012, Salvador, **Anais**, Salvador: , 2012. p. 1-14.

Anexos (gráficos e tabelas)

Gráfico 1: Distribuição das/os empregadoras/es por sexo, segundo porte do estabelecimento e setor de atividade econômica. Brasil 2009 (%)

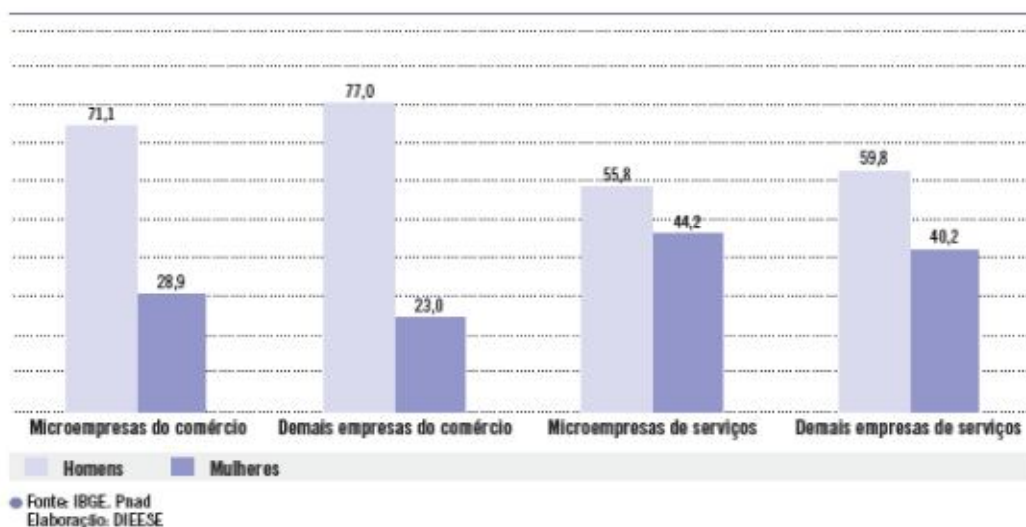


Gráfico 2: Taxa de assalariamento total e com carteira de trabalho assinada, segundo sexo e cor/raça. Brasil 2009 (%)

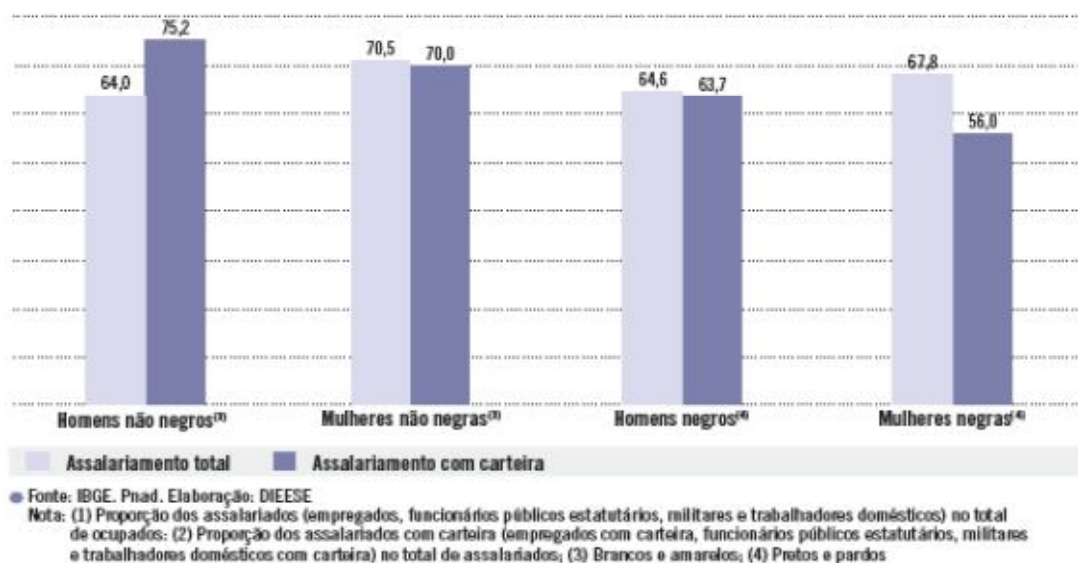


Tabela 1: Distribuição das/os ocupadas/os por setor de atividade econômica, segundo sexo Brasil 2009 (%)

Sector de atividade econômica	Homens	Mulheres	Total
Agrícola	20,5	12,2	17,0
Outras atividades industriais	1,3	0,3	0,8
Indústria de transformação	14,9	12,4	13,8
Construção	12,6	0,5	7,4
Comércio e reparação	18,5	16,8	17,8
Alojamento e alimentação	3,2	4,8	3,9
Transporte, armazenagem e comunicação	7,2	1,5	4,8
Administração pública	5,4	4,8	5,1
Educação, saúde e serviços sociais	3,9	16,7	9,4
Serviços domésticos	0,9	17,0	7,8
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	3,0	5,9	4,2
Outras atividades	8,3	7,0	7,7
Atividades mal definidas	0,4	0,0	0,2
TOTAL	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Pnad
 Elaboração: DIEESE

Tabela 2: Distribuição das/os ocupadas/os por posição na ocupação, segundo sexo e cor/raça. Brasil 2009 (%)

Posição na ocupação	Homens		Mulheres		Total
	Negros ⁽¹⁾	Não negros ⁽²⁾	Negras ⁽¹⁾	Não negras ⁽²⁾	
Assalariados	29,0	26,6	21,0	23,4	100,0
Conta própria	35,4	31,1	16,8	16,7	100,0
Empregadores	23,4	50,3	6,7	19,6	100,0
Trabalhador na produção para o próprio consumo	26,2	14,1	38,1	21,6	100,0
Trabalhador na construção para o próprio uso	55,1	31,9	7,4	5,6	100,0
Não remunerado	24,4	17,4	29,2	29,0	100,0

● Fonte: IBGE, Pnad

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Pretos e pardos

(2) Brancos e amarelos

Tabela 3: Distribuição dos empregos com carteira de trabalho assinada das mulheres por grupos ocupacionais, segundo escolaridade. Brasil 2009 (%)

Grandes grupos ocupacionais	Sem instrução	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Médio incompleto	Médio completo	Superior incompleto	Superior completo ⁽⁴⁾
Membros superiores do poder público, dirigentes ⁽¹⁾ e gerentes	0,0	2,1	4,7	3,3	4,1	6,3	8,0
Profissionais das ciências e das artes	0,0	0,7	4,2	1,3	4,3	11,8	53,6
Técnicos de nível médio ⁽²⁾	0,2	3,6	6,7	7,3	18,0	21,7	18,1
Trabalhadores de serviços administrativos	0,0	11,8	16,9	28,5	36,2	47,8	17,3
Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio ⁽³⁾	65,9	53,0	46,4	39,1	27,2	10,1	2,5
Trabalhadores agropecuários, florestais e da pesca	16,5	6,4	1,7	1,2	0,3	0,1	0,0
Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	14,8	20,7	18,2	18,3	9,3	2,1	0,4
Trabalhadores em serviços de reparação e manutenção	2,6	1,7	1,2	1,0	0,5	0,1	0,1
TOTAL (em nº absolutos)	42.774	1.804.931	1.821.758	1.134.968	7.385.220	912.512	3.970.358

● Fonte: MTE, Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Dirigentes de organizações públicas e de empresas; (2) Este grande grupo ocupacional compreende ocupações que requerem formação técnica de nível médio ou superior. A existência de registros com escolaridade inferior ao requerido pode ocorrer devido à não atualização do grau de escolaridade do empregado no registro administrativo; (3) Lojas e mercados; (4) Inclui mestrado e doutorado. Obs.: O total inclui os casos ignorados

Tabela 4: Proporção das/os ocupadas/os em postos de trabalho vulneráveis, por sexo e cor/raça. Regiões Metropolitanas e Distrito Federal em 2010 (%)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	Total vulneráveis	2010			
		Homens		Mulheres	
		Negros	Não negros	Negras	Não negras
Belo Horizonte	27,1	24,6	21,1	36,4	27,2
Distrito Federal	27,4	23,9	19,1	36,7	25,4
Porto Alegre	25,3	23,7	22,2	37,0	27,5
Fortaleza	42,8	39,0	32,3	53,3	42,6
Recife	35,9	30,4	28,0	47,6	35,4
Salvador	34,1	29,9	22,3	42,6	26,1
São Paulo	28,8	25,9	23,2	41,4	30,9

• Fonte: DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os assalariados sem carteira de trabalho assinada, os autônomos que trabalham para o público, os trabalhadores familiares não remunerados e os empregados domésticos

Obs.: Negros = pretos e pardos; Não negros = brancos e amarelos

Tabela 5: Distribuição das/os assalariadas/os setor privado e público por esfera de governo, segundo sexo. Brasil 2009 (%)

Setor	Homens	Mulheres	Total
Privado	84,4	69,5	78,4
Público	15,6	30,5	21,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0
Setor público por esferas			
Federal	63,8	36,2	100,0
Estadual	43,7	56,3	100,0
Municipal	36,4	63,6	100,0
TOTAL	43,0	57,0	100,0

• Fonte: IBGE, Pnad

Elaboração: DIEESE